

A SRA. MAITÉ PROENÇA - Secretário, o senhor sabe que o brasileiro tem o hábito de apontar o dedo. A gente gosta... Não, a culpa é do outro. Eu faço a minha parte, mas ele não faz e tal. Então, eu acho que se a sociedade civil bem informada souber que o governo está fazendo sua parte também, essa mão dupla, um é que estimula o outro. É isso.

O SR. ALTINEU CÔRTEZ - Precisa disso.

A SRA. MAITÉ PROENÇA - Não anda sozinho. Ninguém vai fazer a sua parte se souber que o governo, para quem nós pagamos imposto, pesados impostos, não está fazendo a sua. Então, a gente tem que saber o que está fazendo. Saber mesmo, não com palavras difíceis, que as pessoas não compreendam, mas saber de forma clara, objetivamente, o que está sendo feito para melhorar a vida das pessoas. Elas vão se sentir estimuladas, se elas estiverem informadas de como fazê-lo, a fazer também a sua parte. Acho que é assim. No nosso grupo, tem o Mário Moscatelli, que trabalha nessa área há quarenta anos. É um profundo conhecedor do assunto. Então, também pode contribuir. Eu tenho certeza de que ele vai gostar de participar.

O SR. ALTINEU CÔRTEZ - Não, excelente.

O SR. PRESIDENTE (Gustavo Schmidt) - Passo a palavra agora ao coordenador da Comissão de Saneamento Ambiental, dr. Daniel Marques. Daniel, você dispõe de três minutos.

O SR. DANIEL MARQUES - Pode sentar, por favor, doutor. Vou fazer uma fala breve. Eu queria me apresentar primeiro. Meu nome é Daniel Marques. Eu coordeno tecnicamente a comissão, a convite do deputado Gustavo Schmidt, a quem agradeço a liberdade de trabalho. Minha vida acadêmica de estudo sempre foi direito ambiental e tive oportunidade de ter sido vereador em Niterói, secretário de meio ambiente lá; então, tenho um pouquinho das experiências de onde o calo aperta, em todas as cadeiras. Porque sou ativista, mas tive uma pequena experiência na Administração. Sabemos dos gargalos que foram colocados aqui. Entre ter ideias e executar, doutor, é um passo muito longo, de fato. E no Legislativo a gente também tem um pouco de dificuldade. E, aceitando o convite do deputado, a gente bateu um papo, deputado Caiado, Waldeck, Marina, enfim, Marcelo do Seu Dino, e resolvemos chamar essa audiência exatamente com o objetivo de fazer um saneador não só dos problemas que já estão identificados, mas por setores diferentes, mas ser um saneador de respostas, deputado. Porque nós temos aí diversas fontes diferentes de receita. Como foram colocadas aqui as maiores, o Fundrhi, o Fecam, a gente tem a fonte direta do governo, a gente tem o orçamento da Cedae, que é superavitária e não aloca esse recurso onde deveria alocar. A gente tem as câmaras de compensação ambiental, que não foram faladas aqui. Nós temos as medidas compensatórias socioambientais de licenciamento.

Então, acho que é muito possível que a gente consiga identificar as fontes, planejá-las e alocar esse recurso. Então, o nosso desafio enquanto Comissão é estritamente ajudar a afinar essa orquestra. A gente não tem aqui a arrogância de dizer que vai resolver o problema. A gente não quer tolher a discricionariedade da secretaria, que tem todos os seus projetos. Mas, enquanto cidadãos, e cada um na sua cadeira, no seu local de fala, a gente quer alocar recurso com prioridade onde é mais importante. Então, acho que, se teve alguma coisa boa na tragédia do Guandu, foi o canhão de luz para o problema histórico de gestão ambiental. Então, o nosso objetivo aqui é esse. Eu estou propondo - a ideia veio do deputado, junto com o promotor, que a gente crie, sim, um grupo de trabalho através de uma resolução e que a gente tenha transparência onde está o recurso e onde a gente vai alocar. Ouvindo a população e tomando a decisão, esse é o nosso objetivo. E uma última contribuição que eu quero colocar aqui ouvindo a Maitê, a sociedade civil, a Isabelle, isso é um desafio para mim também, enquanto ativista. Qual é o instrumento que muda hábito? Porque panfletar na rua não é ecológico. Fazer movimentos talvez artísticos possam ser um caminho. Cito um exemplo: Niterói, a gente colocou atores de rua vestidos de juizes de futebol dando cartão amarelo e vermelho para quem infringia, assim como a faixa, atravessava fora do sinal... Aquilo foi um mote incrível de resposta da sociedade de mudar hábito. Porque às vezes o cara não sabe que o pedestre pode ser multado. Ele não sabe disso. O ciclista não sabe disso também. E aí, qual seria um instrumento? E aí parabenizar o secretário Altineu. A gente sabe do seu espírito de ouvir. Isso é muito importante na gestão. Eu estou colocando a comissão na pessoa do nosso presidente aqui à disposição para ajudar a construir isso tudo, que é um desejo pessoal de todos nós.

Obrigado a todos e vamos em frente.

O SR. ALTINEU CÔRTEZ - Eu quero aqui pensar alto com vocês e colocar aqui do meu coração para vocês. Esses grupos de trabalhos específicos sobre todas essas demandas e questões que foram tratadas aqui, nós da secretaria estamos inteiramente abertos para que vocês possam participar efetivamente desses grupos. Vou dar um exemplo: tem a questão da Educação Ambiental. Nós vamos ter um grupo de trabalho lá para a Educação Ambiental. Então, vamos ouvir e vamos participar? Participe, efetivamente, participem das reuniões, componha esse grupo. Nós temos o problema das unidades de tratamento de esgoto. Nós temos problema lá do Guandu. Nós temos... Vamos... Participe efetivamente. Participe de todas as reuniões, participem fisicamente.

O SR. DANIEL MARQUES - Perfeito.

O SR. ALTINEU CÔRTEZ - Isso na secretaria e no Inea é setorizado. Então, vocês podem e devem participar. Eu gostaria de fazer esse convite aqui a todos, que setorialmente pudessem estar participando da onde acham que podem contribuir melhor. Eu acho que aí não tem nada mais transparente, aberto do que isso. Não pode existir.

O SR. PRESIDENTE (Gustavo Schmidt) - Secretário, eu acho que a gente está numa audiência pública, alguns atores aqui presentes estiveram em outras que nós fizemos, e acho que é notório - não é, promotor? - que a gente está realizando hoje um bate-bola, uma troca de ideias muito proveitosa e a gente estava aqui em particular falando, a Alerj tem uma cadeira no Conema, e eu sou representante dessa cadeira. Eu dei ideia ao promotor, ao secretário Altineu, da gente levar ao Conema essa reunião e essa força-tarefa que a gente quer institucionalizar para reativar uma câmara técnica dentro do Conema, que é o conselho estadual. Eu acho que a gente consegue, dentro do Conema, com essa câmara técnica reativada, alocar todo mundo como o secretário bem falou, que queira estar fisicamente em reuniões mensais ou quinzenais. Da forma que a gente conseguir fazer melhor, para adequar de fato e tirar do papel essa audiência pública e mostrar que é viável fazer audiências públicas, que a convergência de ideias a gente consegue de fato reverter essa situação caótica que infelizmente nós passamos, todo nós passamos, mas que está servindo porque uma forma produtiva, para a gente encaminhar de fato os recursos que são nossos, cidadãos. Falo aqui como cidadão que paga os seus impostos e que deve ter alocado seu dinheiro no lugar adequado, porque saneamento é vida, água é vida, e a gente precisa dela da melhor qualidade. Agora eu vou passar a palavra para o dr. Antônio Marcos, subsecretário. Dr. Antônio Marcos, como eu sempre faço, mas ninguém me escuta muito, três minutos, quatro no máximo.

O SR. ANTÔNIO MARCOS BARRETO - Claro, bem rápido. Eu só queria, primeiro, cumprimentar a todos e agradecer a oportunidade de estar aqui, agradecer a oportunidade ao secretário deputado Altineu pelo convite para fazer parte da sua equipe, na Secretaria de Estado de Meio Ambiente. Eu milito nessa área há muitos anos. Estive como secretário de meio ambiente de municípios do Rio de Janeiro. Estive como presidente da Anamma, que é a Associação Nacional dos Órgãos Municipais de Meio Ambiente, por duas vezes consecutivas. Então, também conheço bastante de perto, tenho uma experiência já na administração pública, principalmente na área ambiental. Então, tenho uma noção bastante, temos uma experiência bastante importante nesses problemas. Então, hoje nós estamos falando aqui de saneamento, mas eu não poderia deixar de passar inclusive, a pedido do próprio secretário, para dar para vocês aqui uma rápida pincelada sobre as metas da nossa Agenda Verde, que é muito importante porque - não é isso, doutor? - porque a nossa Agenda Verde é a grande produtora de água. São as florestas.

Então, nós teremos algumas metas, eu vou passar muito resumidamente para vocês terem uma ideia das ações nesses sessenta dias que assumimos lá a nova gestão da Secretaria de Meio Ambiente, juntamente com o nosso secretário Altineu e com a subsecretária Diane. Nós temos aqui uma agenda bastante robusta, que é a Sub-com, a Subsecretaria de Conservação da Biodiversidade e Mudanças do Clima, e essa nossa agenda cuida das unidades de conservação, ou seja, de todas as florestas e ações de conservação da biodiversidade. Nós temos, dentro da nossa subsecretaria também o apoio à governança municipal, onde temos um trabalho muito grande implementado em cima do ICMS ecológico, que é um grande incentivo, um mecanismo para a gestão pública ambiental municipal. Nós temos também a finalização do novo decreto do ZEE, que é o zoneamento ecológico econômico, que vai balizar muito a política de áreas protegidas e de desenvolvimento econômico do estado. Isso vai fazer algo de muito importante para o crescimento do Estado do Rio de Janeiro. Estamos com a finalização disso aí, em construção dessa normatização. Temos um programa que vamos lançar agora em abril, que é o maior programa de restauração florestal do Estado do Rio de Janeiro, onde nós temos uma meta do plantio de três milhões de árvores em três anos. Isso obedecendo todas as categorias fitofisionômicas, entre manguezais, florestas de um modo em geral, mangues. Vai ser um programa muito robusto que nós vamos implementar, já está em finalização e vamos apresentar agora em abril. Temos o monitoramento do desmatamento, que é feito com ações através do projeto Olho no Verde, implementado com bastante força agora e com crescimento de infraestrutura. Temos a construção, que está em fase de finalização, da nova lei florestal do Estado do Rio de Janeiro, onde nós vamos ter ali também de maneira muito eficaz a maneira de balizar as áreas protegidas, as áreas de floresta, também para que possamos incentivar o desenvolvimento econômico através de uma agricultura sustentável. Temos o Fórum do Clima, que será... Inclusive, eu gostaria de finalizar, deputado, convidando a todos para participar do próximo, dia 16 de março, amanhã, que será um fórum que vai discutir inclusive sobre decreto, que foi implementado agora em dezembro, que fala sobre as mudanças climáticas, que é justamente uma política estadual que agora nós vamos começar a desenvolver as diretrizes através desse decreto. Então, gostaria de convidar a todos, agradecer a oportunidade e dizer que estamos abertos na Secretaria de Estado de Meio Ambiente também para recebê-los e que vocês possam colaborar conosco também nessa agenda de política ambiental na Agenda Verde.

Está bom? Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Gustavo Schmidt) - Obrigado.

O próximo orador inscrito é a dra. Cristina Queiroga, SOS Lagoas.

A SRA. CRISTINA QUEIROGA - Boa-tarde. Obrigada pela oportunidade. Diálogo é sempre muito bem-vindo. É o que mais a sociedade civil quer e procura é o diálogo e precisa. Eu estou aqui como parte da sociedade civil. Sou fundadora e líder do SOS Lagoas, que nada mais é do que um momento de... Surgiu de uma indignação pessoal muito grande em perceber a falta de qualidade que a gente tem. Uma cidade tão linda, cheia de recurso natural, que era para estar só promovendo esporte, lazer, turismo, economia, tudo. Eu mesma velejei na Lagoa de Marapendi por muitos anos. E foi a melhor época da minha vida. Enfim, resolvi parar de reclamar só e ver notícia, achar tudo horroroso e partir para o primeiro passo básico e que é muito transformador, que é promover mutirão de limpeza no canal de Marapendi, que faz parte do complexo lagunar de Jacarepaguá e é um lugar que tem acesso fácil para as pessoas, dá visibilidade e mostra que o problema é bem democrático, que não vem só da comunidade, vem também das áreas formais, a questão da falta de tratamento de esgoto, do lixo de pedestres que vai parar no canal de água pluvial, da falta de lixeira, da falta de solução para os resíduos sólidos. E eu já estou no vigésimo sétimo mutirão. Como coloquei a missão de fazer um por mês e justamente com o intuito de mobilizar as pessoas, cidadãos, tanto que ocupam um cargo público enquanto parte da sociedade civil para fazerem o que puderem fazer para a recuperação do sistema lagunar de Jacarepaguá, que afeta diretamente a nossa saúde e qualidade de vida. E é muito interessante quando você vai catar lixo. A primeira coisa que alguém pensa é: esse lixo não é meu, não fui eu que joguei. Isso não adianta nada catar. E aquilo lá é um grande aprendizado, porque você vê que o lixo faz parte da nossa rotina. Convido até todos vocês a irem ao mutirão. O próximo está marcado para o dia 21, agora desse mês, que é um dia antes do Dia Mundial da Água, e nos mutirões a gente não só coleta o lixo, mas a gente tem preocupação de levar soluções, por menores que elas possam ser. A gente já instalou mais de cinquenta placas educativas, que eu mesma produzo, a gente já instalou doze lixeiras públicas, que eu faço artesanalmente também, pegando material de reuso e bombona. E com isso consegui fazer com que a Comlurb também, que tem aí uma dificuldade de colocar coletores de lixo, ela conseguisse fazer a manutenção. A gente já denunciou várias saídas de esgoto, algumas delas já foram sanadas, outras ficam assim. A gente fala assim: "Caramba, o que será que aconteceu? Continua aqui." É aquela coisa: a gente está sempre estimulando, cada um faz a sua parte para poder reivindicar. E é impressionante perceber como é difícil reivindicar, porque a gente primeiro não sabe a quem reivindicar, que é uma loucura. Isso é Cedae, isso é Rio Águas, isso é Inea, isso é de quem pelo amor de Deus? Aí fica aquela reivindicação. Queremos águas limpas. Isso não vai a lugar nenhum, porque fica difícil até você pensar como sanar esse problema e a quem realmente que vai responder isso. Aí depois tem a questão... é curioso isso. Quando você começa a vivenciar o problema. Eu estou quase há dois anos vivendo intensamente as lagoas, e faço passeio de barcos educativos. Também a gente vai navegando até a lagoa da Tijuca, até ali onde é a ecobarreira, uma das ecobarreiras que têm, tudo bem, importante, paliativo, mas não adianta nada se não tiver ações paralelas junto. Uma delas é: quem coleta o lixo dessa ecobarreira? Quem faz a manutenção dessas ecobarreiras? Para onde é destinado esses resíduos? Porque eu só vejo a ecobarreira lá. E não adianta acumular resíduo lá, acontece o que acontece, vai estourar uma hora de tanto, e o seguinte: tem ecobarreira lá no Citi América, que tem todos os esqueletos e todas as ecobarreiras anteriores, tem a de quando era PET, tem uma que é de ferro e tem uma que era laranja e tem uma lá de tonel. Quer dizer, a própria ecobarreira está virando resíduo e polui. E não serve para nada. E tudo toscamente. Eu fico pensando: quanto será que custa essas ecobarreiras. É um sentimento às vezes aflitivo, porque a sensação que eu tenho é que as nossas ações corretivas não correm na mesma velocidade que o crescimento do problema. Aí quando você quer entrar numa comunidade, para fazer um mutirão, que isso é o meu desejo desde lá do quarto mutirão. Estou no 28º. Eu falo: "Caramba, perai, eu sou mãe de dois filhos, será que eu vou enfrentar o poder paralelo? Eu vou pedir licença para quem para estar aqui?" Aí chega uma hora que esse problema fica esquecido lá porque ninguém quer se envolver. Porque chega uma hora que você está querendo proteger a sua vida. Então, vai ser uma série de coisas. Então, como é que se faz um tratamento de esgoto, se pensa numa rede coletora de esgoto se o crescimento desordenado continua também? Aí você vai projetar uma rede para uma quantidade x de habitantes e daqui a pouco, um mês depois, já tem um monte.

Então, gente, são várias frentes que têm quem ser atacadas, e o que mais me aflije é perceber que, quando a gente vem aqui, a gente fala: "Pô, a gente vai ouvir eles falando de..." Por exemplo, a própria Cedae, quantos anos já mostrou ineficiência? Por que esse negócio fica cinquenta anos, quarenta anos ineficiente e a gente aceita? "Ah, porque o contrato é malffeito." Pô, então vamos unir forças para esse contrato funcionar. "Ah, é que o Legislativo é lento." Então vamos fazer esse Legislativo correr. Porque senão fica... A gente que é da sociedade civil atua até onde pode. Você falou bem. Existe lei, não falta. Planos também não falta. Parece que a gente nunca sai da ação, nunca sai para a ação, é PDCA, *plan-do-check-act*. A gente fica sempre *plan*, nunca vai para a ação. Aí onde eu trabalho é na APA Marapendi, tem um plano de manejo espetacular ali que deve ter custado milhões. Você não vê, não tem fiscalização. Aí você pensa: eu ligo para o cara da gestão... O gestor da fiscalização pensa que diariamente, até eu sou meio chata eu acho, eu percebo e falo:

"Olha, eu estou aqui para oferecer ajuda." Eles têm um recurso pequeno, têm um barco, às vezes não tem barco, e aí a sociedade civil acha que pode ajudar nisso, criar comissão de fiscalização por pessoas que lideram movimento como o nosso, poder ser os olhos também. A Comlurb não consegue, coitada, fica só catando lixo. Não consegue pensar em como prevenir esse lixo chegar lá, porque tem que ficar vareando e tirando lixo, que é o caso até do mutirão. A gente tem vários projetos de educação ambiental para levar para as escolas, várias coisas a gente não consegue andar porque fala: "Caramba, tem muita gente aqui ocupando nosso tempo precioso de trabalho."

Então, gente, eu só acho que é isso. Tem que integrar todas essas frentes que têm a ver com ambiente, que é educação, que é o crescimento desordenado da cidade, que é a segurança pública. Está tudo interligado. Não adianta atacar uma frente só. E essas ecobarreiras também não adianta colocar para ficar ali. Então, eu quero ajudar as nossas lagoas, porque é uma das piores coisas, um lugar desse, em que lugar do mundo que tenha um complexo lagunar desse que não tenha cesso a um parque legal para você poder ter caiaque, velejar, por isso que detonou tudo. Porque você não consegue nem ver, ou é privatizado ou condomínio privatiza ou então tem a favelização mesmo. Você não consegue chegar para aproveitar. Então, como é que você cuida de uma coisa que você não aproveitou? As crianças olham a lagoa como se não fosse lagoa.

Então, fica aqui um pouco da experiência que eu vivo. Ah, e o Terreirão, gente? Pega o Terreirão de projeto-piloto. O Terreirão já tem uma rede coletora ali de esgoto. Precisa fazer funcionar só. Ali da Gilka Machado você vê um desperdício de água absurdo, que a olhos vistos numa... Assim: água jorrando e água sendo roubada. Como é que pode isso? Todo mundo passar por ali e ver isso. É um lugar que, se a gente conseguir fazer, implantar o saneamento ali, conter o crescimento, que ali não tem para onde crescer, controlar a segurança, vai rapidamente ter reflexo na Lagoinha das Taxas. Quem sabe a gente não vai recuperar aí um corpo hídrico para poder começar a dar às pessoas a oportunidade de vivenciar uma lagoa limpa, sabe? É isso. Eu não sei se eu falo rápido demais, é porque tem tanta coisa na cabeça, mas eu só peço por favor que quem tem autoridade para resolver, para agir, que aja com muita perseverança, 24 horas por dia, porque não há tempo a perder, gente.

O SR. PRESIDENTE (Gustavo Schmidt) - Cristina, Isabelle, Maitê e Mateus. A gente viu aqui agora. A presença de vocês mostra a vontade da população, do cidadão de fato querer alguma coisa. E muito orgulha, a nossa Comissão de Saneamento aqui na Alerj hoje, que tem o 0800-2828815, colocar o telefone do nosso gabinete, que é o 2588-1582. A gente, no ano de 2019, a gente recebeu mais de trezentas denúncias espontâneas. E esse é o canal que vocês precisam caso não saibam, caso não tenham esperança em nenhum outro e-mail, de tentar resolver esses problemas cotidianos, Comlurb, Cedae, qualquer outro tipo ligado ao saneamento. Muito orgulha o nosso trabalho que a gente tem feito hoje e o bate-bola que a gente faz com a comissão, com a Secretaria de Meio Ambiente, com a própria Cedae, com a Comlurb e todos os outros órgãos. A gente conseguiu resolver mais de 70% dessas denúncias feitas através do 0800. Ligação de esgoto irregular, de qualquer outro tipo de problema que um cidadão comum possa ver e possa ter um canal para solucionar isso. 08002828815; é o disque-denúncia da nossa Comissão de Saneamento Ambiental. Está aberto à população e vai ser um prazer a gente aumentar a demanda dessas denúncias e poder cobrar. A gente fica em cima dos nossos assessores, Daniel, o coordenador também fica em cima, da gente cobrar cada órgão para que seja, de fato, efetivado. A gente oficia aquele problema, a gente pede também que mande foto, nome da rua, localidade; e a gente cobra de fato, efetivamente. A gente tem tido um retorno muito positivo, um trabalho bem bacana.

A SRA. CRISTINA QUEIROGA - A gente até coloca umas placas, a gente coloca esses canais de denúncia. Denuncia qualquer suspeita; e até é bom, vou colocar...

O SR. PRESIDENTE (Gustavo Schmidt) - É bacana, porque através do nosso mandato a gente divulga isso, a gente faz um antes e um depois, uma troca de um tampão de bueiro, que a gente acha que é pouco. É pouco... Para quem passa aquele problema todo dia é um problema com o esgoto a céu aberto; ou então vazamento de água, porque água é dinheiro nosso que está correndo ali da Cedae, ou então de qualquer outra concessionária. Se a gente vê aquilo e não liga para algum canal que possa consertar, a gente também está se prejudicando. O outro é do nosso gabinete, 2588-1582. Da mesma forma dá para...

A SRA. CRISTINA QUEIROGA - Eu queria até fazer uma sugestão...

O SR. PRESIDENTE (Gustavo Schmidt) - Eu só peço que entregue um pouco mastigado, a foto, o local...

A SRA. CRISTINA QUEIROGA - Podia abrir uma página, um portal para tornar mais simples, para o cidadão conseguir entender quem é responsável pelo quê, a quem reivindicar o quê.

O SR. PRESIDENTE (Gustavo Schmidt) - O nosso compromisso como Comissão, como deputado, é fiscalizar, exatamente esses órgãos.

A SRA. CRISTINA QUEIROGA - Talvez até a questão da Educação Ambiental seja pertinente entrar isso.

O SR. PRESIDENTE (Gustavo Schmidt) - Acho que essa audiência está sendo muito proveitosa até nesse sentido, né, promotor? Para a gente conseguir canalizar com a comissão como sendo uma central de recebimento desses problemas e a partir dela a gente conseguir direcionar e solucionar cada um. Eu acho que... E aí também peço a vocês para divulgar, através dos seus canais esse link, que a gente vai dar conta, se Deus quiser, de melhorar esses problemas. Ou solucionar na totalidade. Agora eu passo a palavra para o meu amigo dr. André DicuSTEIN, do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Doutor, se o senhor puder, em três, quatro minutos, vai ajudar.

O SR. ANDRÉ DICUSTEIN - Muito obrigado pela oportunidade. Quero cumprimentar esta Casa Legislativa na pessoa do presidente do ato, deputado Gustavo Schmidt, cumprimentar o deputado Altineu e toda a sua equipe, cumprimentar meu colega, meu brilhante colega que tanto admiro, José Alexandre, coordenador do Gaema.

Indo direto ao assunto, que é o saneamento básico. Eu acho que saneamento básico, além da educação básica, é o que define o nosso patamar civilizatório, e a gente precisa subir de patamar urgentemente.

Eu tenho aqui algumas coisas muito rápidas para pontuar. Eu sei que esse problema é histórico e crônico, é estrutural da nossa sociedade. Portanto, não dá para culpar ninguém nem de agora nem de antes. Eu acho que o problema também é complexo. Nem tudo passa exatamente pela Secretaria Estadual do Ambiente. O próprio secretário já disse aqui mais cedo, a Cedae, por exemplo, não está no guarda-chuva da Secretaria Estadual do Ambiente. E eu não sei, eu fico curioso, eu gostaria de saber se tem algum representante da Câmara Metropolitana, da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, porque essa instância também é crucial. A gente precisaria muito ouvir esse personagem, o representante do Conselho Deliberativo da Governança Metropolitana, um representante do Instituto Rio Metrópole porque, agora, o saneamento básico passa por lá, e, portanto, é inconcebível a gente travar toda essa discussão horas e horas discutindo sem a principal instância política decisória da matéria. É inconcebível! A gente precisa discutir isso com a governança metropolitana porque, desde 2018, é assim.

Eu queria citar aqui, por exemplo, dificuldades no acesso à informação e à participação no saneamento básico. Em 12 de fevereiro deste ano, quer dizer, há pouquíssimo tempo, o conselho deliberativo da Região Metropolitana aprovou a modelagem do BNDES para a privatização da Cedae, dos serviços da Cedae. O conselho consultivo a Região Metropolitana não foi ouvido, isso não passou pelo conselho consultivo. O conselho deliberativo é quem delibera; o conselho consultivo ele opina, ele fomenta o debate; e o conselho consultivo não foi ouvido sobre a modelagem do BNDES para a privatização da Cedae, que foi aprovada pelo conselho deliberativo em 12 de fevereiro deste ano. Sequer a agenda do conselho deliberativo está no site. Não há como acompanhar. Nem que alguém quisesse